

# O campo do jornalismo e a nova esfera pública nas redes da comunicação

*Luiz Carlos Iasbeck*

**N**um mundo marcado pela ansiedade e por transformações aceleradas há algo definitivo, vocacionado a perdurar? A transitoriedade, o provisório, o mutante podem ser a marca de uma cultura nômade que se faz e desfaz com o movimento? A esfera pública ainda se comporta de modo esférico, sujeita a circunscrições e fronteiras nas redes de conversação? O jornalismo pode continuar escrevendo o acontecimento num mundo povoado de múltiplas versões de realidade?

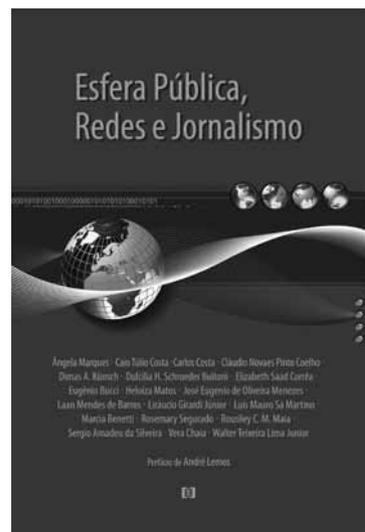
Essas são algumas perguntas em torno das quais 19 autores se agitam. O livro eletrônico, neste caso, é pura metalinguagem, suporte virtual de conteúdos transitórios e nem por isso menos virtuosos. As crescentes publicações do gênero buscam formar seu público dentre os amantes do livro de papel, pesquisadores, estudantes e curiosos, geralmente desconfiados, mas motivados a reciclar comodidades. Se o formato eletrônico, por um lado, acelera e barateia sobremaneira o processo industrial de produção, por outro exige dos leitores uma dose de sedentarismo, paciência e concentração para não se dispersarem diante da luminosidade das telas dos computadores. Assim, tudo indica que o texto de um e-livro não possa ser longo e rebuscado, sob pena de espantar a atenção do leitor.

As linguagens se desenvolvem mais lentamente do que os suportes tecnológicos. Isso explica porque o e-livro ainda tem sido uma transposição do livro de papel – com todas as suas peculiaridades – para os computadores, conforme podemos constatar pelas feições deste e-livro, publicado por iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero de São Paulo.

## **Esfera Pública, Redes e Jornalismo**

*Ângela Marques,  
Caio Túlio Costa,  
Carlos Costa, et al.*

*Rio de Janeiro:  
E-Papers, 2009, 336 p.*



Em campo, 19 autores, sem um organizador nomeado e divididos em dois eixos temáticos, abordam questões que, não por coincidência, mantêm congruência com as linhas de pesquisa do Programa que os publica. Exploram os impactos das novas tecnologias nas conversações públicas e nos modos de se pensar e fazer jornalismo.

De um lado, a esfera pública é o bola da vez. E começa rolando nos domínios de Dimas Kunsch que nos fala dos delírios míticos inspirados pelo ciberespaço. Rousiley Maia segue travando um diálogo original com Habermas sobre esfera pública e os media. Sérgio Amadeu realoca a esfera pública nas redes da blogosfera. Liráucio Girardi Jr. embrenha-se no estudo da estratégia do jogo das trocas simbólicas em esferas interconectadas. Heloiza Matos, ocupada em entender as relações de cooperação para a conversação cívica, re-propõe o conceito de opinião pública em novas bases. Ângela Marques leva a esfera pública às redes das relações intersubjetivas. Eugênio Bucci testa as conexões

da esfera pública interconectada em busca das conseqüências dos movimentos para “o mundo da vida”. E, finalmente, Laan de Barros redefine o campo da comunicação no jogo da interculturalidade, diluindo fronteiras e re-propondo limites.

Uma seleção de tirar o fôlego para os apaixonados pelos estudos da esfera pública em tempos de mudanças aceleradas.

De outro lado, não menos abastecidos pelos desafios do ciberespaço, 10 autores se revezam em abordagens múltiplas do novo jornalismo.

Walter Teixeira Júnior chama nossa atenção para as mudanças estruturais que o jornalismo tecnológico provoca nos modos de produção, nos conteúdos noticiosos e nos modos de interação com o leitor. Beth Saad aborda a transitoriedade das certezas acerca das novas mídias, traçando um panorama do estado geral da arte e das dinâmicas das redes sociais para analisar as “determinações não compulsórias” que o mundo 2.0 oferece ao jornalismo. Luis Mauro Sá Martino repensa a esfera pública habermasiana nos ambientes blogosféricos a partir da estética da comunicação. Dulcília Buitoni discute a hipermídia e as hiperlinguagens partindo do codex medieval, hemenêuticas e epistemologias para chegar às imagens multimídia de Clarín.com, indicando-nos com precisão os caminhos abertos para a ressignificação da imagem nos novos ambientes do jornal multimídia. Rosemary Segurado e Vera Chaia discutem o papel da enquete na configuração da opinião pública a partir de reflexões sobre os conceitos de opinião pública e do trabalho do panóptico site Observatório da Imprensa. Cláudio Coelho nos apresenta uma reflexão acerca da cobertura midiática dos 40 anos das revoluções de 68, que não cessam de estimular o imaginário de grande parte dos intelectuais brasileiros, mostrando, dentre outras mazelas, como a instantaneidade da comunicação virtual extermina a temporalidade e esvazia a historicidade. Eugênio Menezes nos fala de uma “orquestração sonora matinal” pelas ondas

do rádio que envolve ouvintes redatores, produtores, locutores e o âncora do Jornal da CBN numa brincadeira séria em que todos interagem na construção solidária do acontecimento, experimentando aquilo que Vicente Romano denomina uma “ecologia da comunicação”. Márcia Benetti nos interroga sobre a novidade, essa obsessão jornalística que alimenta o imaginário do leitor, localizando-a no “eixo longo do jornalismo”, lugar de universais arquetípicos que se atualizam em cada evento singular. Caio Túlio disserta sobre a “moral provisória” do jornalismo, ilustrando sua ocorrência na história recente da imprensa brasileira; ao final, faz um desconcertante “mea culpa”, incluindo-se no rol dos protagonistas da moral provisória. Para terminar, Carlos Costa questiona algumas verdades sedimentadas pela tradição do ensino do jornalismo, a fim de propor aberturas capazes de horizontalizar as relações com os alunos e estimular a construção solidária do conhecimento.

Vale destacar que esses dois poderosos blocos são encabeçados por um texto de André Lemos, a título de apresentação da obra, que circunscreve a nova esfera conversacional em torno das redes sociais e do jornalismo na era da Web 2.0. Um domínio que, levado às últimas conseqüências, pode extrapolar as “querelas identitárias, das fronteiras, das culturas, das religiões e dos territórios”, proporcionando uma “nova utopia [...]”, (uma) produção aberta e coletiva dos sentidos, na esfera da conversação planetária”.

Sem dúvida, uma poderosa seleção de pensadores que buscam compreender, cada um a seu modo, os movimentos ciberespasmódicos que acometem antigos paradigmas, fragilizando certezas e instituindo, no campo da comunicação, um novo lócus para a dúvida sistemática: as incertezas do transitório.

*Luiz Carlos Iasbeck, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Docente e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Católica de Brasília.*